

TECNOLOGIA E SUBJETIVIDADE: INTIMIDADE MEDIADA POR COMPUTADORES*

(Technology and subjectivity: intimacy mediated by computers)

Márcia Moraes¹
Cristiane Moreira da Silva²

Resumo

O artigo teve o objetivo de investigar a produção de subjetividade com base nas atuais tecnologias da informação, em particular do diário virtual. A fundamentação teórica da pesquisa levou em conta os enfoques de autores contemporâneos sobre o assunto, apostando numa perspectiva ontogenética, no tocante às relações homem/técnica. Nesse enfoque, destaca-se um processo de produção da subjetividade, no qual esta é efeito de conexões heterogêneas que articulam humanos e não humanos. Assim, a subjetividade é considerada como um dos efeitos da mediação técnica. A pesquisa de campo foi realizada com 10 sujeitos de diferentes cidades do Brasil. Para coletar dados, foi utilizado o questionário semi-estruturado. Os resultados indicam que o diário virtual produz novas formas de subjetividade, de amizades e de relações pessoais.

Palavras-chaves: Subjetividade; Tecnologia; Intimidade.

O presente trabalho pretende investigar as relações entre as novas tecnologias de informação e a produção de subjetividades. Nosso objeto de estudo está focado nos diários virtuais conhecidos como *blogs* e *flogs*, isto é, páginas na Internet que funcionam como um diário no qual o autor expõe seu cotidiano.

Essas páginas *web*³ permitem tornar visível a privacidade. O autor expõe sua intimidade e tem um público para suas confissões. “Certamente, podemos falar de espetacularização da intimidade, não por vermos aí uma forma degradada e menos autêntica da intimidade, mas por esta se constituir numa curiosa proximidade com o espectador” (Bruno & Prado, 2005, p. 1). Há uma lógica que impõe a visibilidade e, como nem todos possuem acesso aos veículos de comunicação de massa, como televisão ou revistas, outras formas de aparecer estão sendo exploradas. Deve-se considerar que essas ferramentas permitem outros usos, como a divulgação de trabalhos, pensamentos e informações em geral. Mas o que encontramos em grande maioria, na Internet, são os *blogs* e os *flogs*, apresentados como diários íntimos.

O que motivou esta pesquisa foi pensar como uma prática antiga (escrever sentimentos e pensamentos), considerada extremamente íntima, de domínio privado, apresenta-se na contemporaneidade como de domínio público. Por que escrever sua intimidade para quem quiser ler? E o que nos chamou mais a atenção: para que abrir um espaço a fim de que outros comentem o que está escrito? Por que a interferência de outros na vida íntima tornou-se tão importante?

* Texto recebido em dezembro/2005 e aprovado para publicação em março/2006.

¹ Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP e professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: mmoraes@nitnet.com.br.

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Subjetividade, Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: cristianemoreirapsi@hotmail.com

³ Em inglês: teia, rede; conjunto de páginas na Internet.

Novas formas de se comunicar, de se relacionar e de conhecer estão sendo vividas e, conseqüentemente, novas subjetividades estão sendo produzidas. Nossa proposta é, pois, partir de um fenômeno da atualidade para pensar essas novas subjetividades.

Desenvolvimento tecnológico e produção de subjetividade: O diário íntimo na contemporaneidade

Por subjetividade entendemos “não um estado de coisa ou estrutura, mas um processo – um processo de subjetivação ou um processo de construção de si” (Passos & Barros, 2000, p. 8). A subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Na heterogeneidade dos componentes, vários vetores devem ser considerados: o ambiente familiar, a mídia, a violência urbana, as artes, os grupos, as experiências vividas, entre tantos outros fatores que dizem respeito à ordem de um coletivo. Aqui, a subjetividade é pensada como produção na qual o sujeito aparece como um produto do coletivo, como multiplicidade, produção na qual não existem instâncias dominantes.

Com efeito, o termo “coletivo” deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como alguém da pessoa, junto às intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos, mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos (Guattari, 1992, p. 20).

Para Guattari (1992), a subjetividade contemporânea é caracterizada por um apego arcaico às tradições culturais, paralelo à modernidade tecnológica e científica:

Do mesmo modo que as máquinas sociais podem ser classificadas na rubrica geral de equipamentos coletivos, as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes (...). O sujeito, segundo toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas, é algo que encontramos como um *être-là*, algo do domínio de uma suposta natureza humana. Proponho, ao contrário, a idéia de uma subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida. (Guattari, 1992, p. 25-33)

A produção de subjetividade capitalística se depreende de uma conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. Guattari (1992) substitui a noção de sujeito, proposta por Lacan, pelo que ele chama de agenciamento coletivo de enunciação. O autor afirma que a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação que não correspondem nem a uma entidade individuada, nem a uma entidade social predeterminada. Diferencia os conceitos de indivíduo e de subjetividade, afirmando que os indivíduos são o resultado de uma produção em massa, serializados, registrados, modelados. Assim, a subjetividade não é passível de totalização ou centralização no indivíduo.

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: é essencialmente social, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade, tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo de singularização (Guattari, 1992, p. 15).

Considerar a produção de subjetividade com base no vetor das tecnologias da informação não implica nenhum juízo de valor. O que importa seguir é a sua articulação com os agenciamentos

coletivos de enunciação. As transformações tecnológicas podem conduzir a dois caminhos divergentes: (1) fortalecimento da tendência homogeneizante da sociedade globalizada; (2) um espaço para a heterogeneidade e a singularização, através da produção de novos mundos, com possibilidades infundáveis.

O melhor é a criação, a invenção de novos universos de referência; o pior é a mass-midialização embrutecedora, à qual são condenados, hoje em dia, milhares de indivíduos. As evoluções tecnológicas, conjugadas a experimentações sociais desses novos domínios, são talvez capazes de nos fazer sair do período opressivo atual e de nos fazer entrar em uma era pós-mídia, caracterizada por uma reapropriação e uma (re)singularização da utilização da mídia. (Guattari, 1992, p. 15)

A relação homem/técnica

Escóssia (1999) aponta quatro concepções diferentes da técnica: 1) uma concepção instrumentalista; 2) uma concepção antiinstrumentalista; 3) a concepção dromológica; 4) a concepção ontogenética, na qual apóia-se este trabalho.

A concepção instrumentalista define a técnica como o conjunto de meios e instrumentos neutros a serviço da emancipação e do progresso. Relacionada ao advento da ciência moderna, acredita que a relação do homem com a técnica passa por sua relação com a natureza. A ciência moderna valoriza a matematização e a experimentação da natureza como exercício de liberdade e progresso humano. O objetivo é dominar a natureza.

A concepção antiinstrumentalista rejeita a neutralidade que define a técnica como potência autônoma. A técnica moderna não é, segundo Ellul, uma coleção de objetos técnicos, de máquinas ou de meios, mas uma realidade global, um fenômeno de natureza sistemática, que se desenvolve de forma autônoma, com relação aos sistemas social e econômico e às vontades singulares dos homens. (Escóssia, 1999, p. 13)

Dessa forma, a técnica tem um caráter determinista e perigoso, impõe uma submissão inevitável. Aqui permanece a idéia de dominação, mas é a técnica que domina o homem.

Uma outra concepção de técnica, própria dos dispositivos contemporâneos, é a dromológica, que analisa a técnica a partir da lógica da velocidade. Trata-se de uma lógica da corrida, que se instaura com a revolução tecnológica e toma a velocidade como valor absoluto.

Com a informática, a velocidade se desterritorializa, passando a ser o valor e a medida vigentes. O domínio agora é do e no tempo. A autora cita Virilio (1996), para quem o excesso de velocidade resulta numa paralisação.

Ao fazer com que todos os lugares se tornem equivalentes, a aceleração reduz o mundo a um único lugar, uma única identidade, esgotando o tempo-movimento. Trata-se de um dispositivo de controle do tempo mais eficaz que qualquer outro que o antecedeu. (Virilio, citado por Escóssia, 1999, p. 38)

A concepção ontogenética considera a técnica em sua estreita vinculação com o devir coletivo e com o mundo das significações da cultura. “A relação homem/técnica é definida como dimensão de individuação psíquica e coletiva – que são individuações simultâneas e correlatas” (Escóssia, 1999, p. 16). “Inserida numa gênese mais vasta que a do indivíduo – a gênese do ser –, a técnica passa a ser vista como expressão da dimensionalidade do ser individuando-se” (Escóssia, 1999, p. 44).

O eixo para pensar a gênese dos sujeitos e dos objetos técnicos é o princípio de processualidade e de evolução do ser. A tecnologia é um elemento fundamental no processo de “hominização”.

Escóssia afirma que, para Deleuze e Guattari, a técnica é uma dimensão constitutiva da subjetividade ou, ainda, vetor de subjetivação. Haveria uma simultaneidade na emergência dos sujeitos e dos objetos, o que supõe uma causalidade recíproca e permite-nos pensar a técnica como desdobramento do ser, como motor de individuação humana, pois ao se individuar, o objeto técnico cria um novo espaço. Assim, o sistema formado pelo sujeito e pelo mundo é reinventado toda vez que se cria um objeto, estabelecendo uma nova dinâmica no campo de subjetivação individual e coletiva. (Escóssia, 1999, p. 47)

A abordagem ontogenética enfatiza o caráter mediador da técnica, busca problematizar a dicotomia homem/técnica e pensa a técnica como mediadora entre a natureza e o homem. Nesse sentido, vai ao encontro do que Latour (1994) denomina hibridismo da natureza e da cultura: nele, os objetos técnicos são mediadores e atores de uma imensa rede, na qual inúmeros pontos se conectam. Essas conexões são os nós da rede ou, se pudermos assim chamar, os atores constantemente conectados por inúmeros caminhos. Isso não quer dizer que haja um centro com várias direções. São múltiplos os caminhos interligados, sem princípio nem fim, por linhas que se cruzam, sendo sempre possível fazer uma nova conexão ou retornar ao ponto de partida.

A técnica, vista como um dos atores da rede, está presente no processo de invenção da subjetividade. Se entendermos subjetividade como processo em constante produção e em que estão implicados o ambiente, a cultura, as relações sociais, os humanos e os não humanos, começamos então a pensar na perspectiva da rede de atores. Essa perspectiva incide no ponto de articulação entre humanos e não humanos, assinalando a inter-relação entre os vários aspectos envolvidos numa mesma situação. Não há “coisa em si”, uma vez que, de uma ou de outra maneira, todas as coisas são constituídas por vários atores da rede. Há um coletivo envolvido no objeto técnico e neste estão relacionados o técnico, o material e o social. A técnica faz parte de um labirinto em que todos os caminhos estão ligados.

O domínio de uma tecnologia cria para o indivíduo um novo regime cognitivo. A partir do momento que um objeto técnico ou uma nova tecnologia são desenvolvidos, novas habilidades são necessárias para lidar com estes. Pode-se pensar o desenvolvimento tecnológico como impulsor de um devir cognitivo marcado por um duplo e mútuo processo de criação: a técnica cria a cognição e a cognição cria a técnica. Nesse enfoque, o indivíduo está constantemente integrado numa rede de sistemas que colaboram entre si através de trocas de informações mediatizadas pelos dispositivos técnicos. O indivíduo participa da formação da rede, compondo o meio, na mesma medida em que é composto por ele. Não há, *a priori*, distinção sujeito/objeto. A distinção é *a posteriori*, sempre parcial, instável, local, uma vez que homem e mundo formam um único sistema. “A técnica é, portanto, um dos atores a produzirem diferença na rede coletiva ou sociotécnica – que não é outra coisa senão o próprio campo de produção de subjetividade ou de individualização do coletivo” (Escóssia, 1999, p. 50).

Apresentando a perspectiva do filósofo Pierre Lévy, Escóssia (1999) afirma que, para esse autor, a técnica é virtualização da ação. É da ordem da objetivação, da subjetivação, do coletivo. Ao inventarmos objetos, produzimos um mundo comum, compartilhável. Por sua vez, o mundo técnico produz novas subjetividades:

O coletivo, sendo o campo da existência cotidiana, é o único capaz de gerar sentido, pois traduz o sentido da imanência da ética. O coletivo convoca o comum, o que está disponível, o que pode ser incluído. E sabemos que todo processo de subjetivação implica a inclusão de objetos, paisagens, odores, sons, enfim, implica a inclusão do mundo: é incluindo o mundo e nos compondo com ele que nos reinventamos e reinventamos o mundo. (Escóssia, 1999, p. 91)

Lévy (1993) defende que “não há essência congelada do computador, mas sim um campo de novas tecnologias intelectuais, aberto, conflituoso e parcialmente indeterminado” (Lévy, 1993, p. 9).

Ele considera as tecnologias intelectuais como participantes fundamentais do processo cognitivo, assinalando que é a informática, em especial o acesso à Internet, seu maior representante.

A informática intervém tanto nos processos de subjetivação individuais quanto nos coletivos. Permite a conexão entre os vários saberes, a escolha dos atalhos desejados durante a leitura de um texto, a interação com pessoas, em qualquer lugar do mundo. Transforma conhecimento, já que a leitura de um mesmo texto pode percorrer caminhos diversos, de acordo com o interesse do leitor. O texto não é apenas lido, é explorado de forma interativa. Os programas modernos permitem o conhecimento por simulação, levando ao aumento dos poderes da realidade e da intuição. Não importa a verdade, mas as possibilidades oferecidas para se obter conhecimento e para se desenvolver a inteligência:

A inteligência – ou a cognição – é o resultado de redes complexas em que interage um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. O pretense sujeito inteligente nada mais é que um dos microatores de uma ecologia cognitiva que engloba e restringe. (Lévy, 1993, p. 155)

O pensamento opera numa rede interconectada que transforma e traduz as representações. Estas podem ser mantidas pelo armazenamento da informação. Os novos processos de informação fazem surgir novos tipos de representação. As tecnologias intelectuais desempenham um papel fundamental nos processos cognitivos. “Pensar é um devir coletivo no qual misturam-se homens e coisas” (Lévy, 1993, p. 169).

O diário virtual

O *blog*, abreviatura de *weblog*, é um tipo de página *web* atualizada continuamente, composta por parágrafos apresentados em ordem cronológica. Existem *blogs* com uma infinidade de conteúdos, como notícias, debates profissionais, fotografias, entre outros. Podem ser particulares, quando somente o autor escreve no *blog*, ou comunitários, se outras pessoas, autorizadas pelo criador, podem nele escrever. Um *blog* pode ser acessado por qualquer pessoa. Geralmente contém *links* que levam a outros *blogs* do gosto do autor. Há um espaço em que os visitantes podem deixar comentários sobre o *blog*, além de um contador do número de visitantes.

O *flog*, abreviatura de *fotolog*, é uma página *web* com o mesmo princípio do *blog*, tendo como principais diferenças a necessidade de se colocarem imagens em todos os *posts* e a impossibilidade de mudar o visual da página, o que não exclui as outras funções também encontradas no *blog*.

Os *blogs* e *flogs* com formato de diários são páginas nas quais cada autor revela seu cotidiano, seus pensamentos, sentimentos, decepções e alegrias, ou seja, tudo o que geralmente é classificado como íntimo. Esse formato tem o mesmo propósito dos antigos diários (mais tarde, substituídos pelas agendas), mas com uma gritante diferença: os diários e agendas eram guardados a “sete chaves” e os *blogs* e *flogs* são publicados na Internet, permitindo, a quem se interessar, o acesso a seu conteúdo. Há um espaço para comentários dos visitantes e o número destes é bastante valorizado.

Método

Com relação à pesquisa de campo, foram selecionadas aleatoriamente dez páginas, entre *blogs* e *flogs* acessados freqüentemente durante o desenvolvimento do trabalho, visando ao acompanhamento de suas atualizações e ao levantamento do perfil do autor. O grupo constituído por esses autores foi entrevistado. Os sujeitos selecionados foram dez jovens, autores de *blogs* e/ou *flogs*, com formato de diário íntimo, estudantes da rede de ensino privada, com idades entre 13 e 19 anos.

Utilizamos o acesso à rede como principal fonte de coleta de dados, através dos seguintes tipos de *site*: *blog* e *flog*. Para complementar esses dados ou poder compará-los com outras fontes de informação, realizamos entrevistas com alguns autores de *blogs* e/ou *flogs*, tendo como base um questionário semi-estruturado, no qual buscamos informações sobre o perfil do sujeito, o significado de sua página e como ele lida com as questões relativas ao público e ao privado.

As entrevistas, realizadas em caráter sigiloso, mantendo a privacidade do entrevistado, foram obtidas através de duas modalidades: a) gravação em fitas cassette; b) conversas através do *Msn*.⁴ Foram realizadas quatro entrevistas gravadas e seis através do *Msn*, sendo a primeira uma entrevista-piloto, com o objetivo de avaliar a aplicabilidade do instrumento.

Análise das entrevistas

O *blog* e o *flog* parecem ocupar o mesmo espaço na vida de seus autores. Não encontramos diferenças consideráveis nos discursos daqueles que são autores somente de *blog*, comparados com os autores de *flog*.

A maioria dos entrevistados descreve sua página como um local para falar de si, desabafar, expressar sentimentos e pensamentos. Outros buscam opiniões sobre seu comportamento, uma maneira de ocupar o tempo ou se distrair. Nem todos os consideram um diário e afirmam preservar ao máximo sua intimidade. Um exemplo:

Eu não encaro meu *blog* como um diário, pois seria limitá-lo demais. *Blog* é interação, reflexão, cultura, futilidade e claro muuuuuuito cotidiano porque, no fundo, é disso que o povo gosta! Mas nada de desabafos, ninguém é obrigado a agüentar desabafos dos outros! (sic).

Outros se expõem inteiramente: “O *blog* sou eu de cara, corpo e coração! Lugar onde eu desabafo, crítico, resmungo, relaxo, suspiro, enfim... lá tem de tudo um pouco, menos palavras escritas AxIm ó4!” (sic). Mas todos concordam que, de alguma maneira, falam de si, expõem o que consideram íntimo, ora de maneira subjetiva, dando opiniões sobre alguns assuntos, ora utilizando músicas ou poesias. A distância imposta pelo computador parece dar segurança para se expressar e escutar, com certa proteção, o que os outros têm a dizer.

Alguns dos entrevistados relataram ter optado por filtrar mais o que iam colocar na página, depois de terem problemas ao escreverem sobre pessoas que não gostaram do que foi escrito, ou por contarem coisas muito particulares e receberem críticas desagradáveis. Todos os entrevistados relataram casos de pessoas que os ofendiam com comentários. Alguns passaram por essa experiência e outros apenas sabem de amigos que também passaram. Parece ser uma prática comum escrever xingamentos nessas páginas, dirigidos às pessoas de quem não se gosta.

⁵ *Messenger*; programa de comunicação instantânea na Internet.

A maioria dos entrevistados conheceu o *blog* e o *flog* através de amigos, achando então “legal” fazer um também para si (apenas um entrevistado conheceu essas páginas através de uma reportagem sobre *blogs*). Junto com o hábito de postar,⁶ criaram o de comentar outros *blogs* e *flogs* que conheceram através de *links*, nas páginas dos amigos. Em geral, o que chama mais a atenção, quando visitam um *blog* ou *flog* pela primeira vez, é o visual. Quando se interessam por alguma página, colocam seu endereço nos “endereço favoritos”. E sempre que o autor faz alguma modificação, isso é avisado na tela.

Através dos dados das entrevistas, observou-se que a curiosidade em conhecer a vida íntima de outras pessoas – que podemos chamar de pessoas comuns – é uma forma de descobrir se a própria vida é “normal”. Uma busca pelo que Rolnik (1997) chamou de identidades *prêt-à-porter*, uma identidade pronta para usar: você escolhe a sua e assume o papel. A identidade não é mais definida pela origem da pessoa ou seu vínculo com alguma instituição, ela é constantemente construída:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras, em relação às últimas (...) a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”, como uma coisa que ainda se precisa construir, a partir do zero, ou escolher entre alternativas, e então lutar por ela e protegê-la, lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (Bauman, 2005, p. 19-21)

No *blog*, o jovem busca uma identidade pronta, uma forma de viver. Acredita que, conhecendo o cotidiano, os pensamentos e sentimentos do outro, pode ter uma referência para avaliar suas próprias atitudes. Segue a lógica da moda, que Lipovetsky (1989) chamou de mimetismo. Inúmeros modos de viver podem ser escolhidos, todos permeados por diferenças sutis, pequenos detalhes que dão a ilusão de individualização – um desses modos deve ser adotado e reproduzido. “A cultura de massa não trabalha senão para produzir uma pseudo-individualidade, torna fictícia uma parte da vida de seus consumidores” (Lipovetsky, 1989, p. 222). Essas máscaras, utilizadas como identidades, são reproduzidas com pequenas diferenças que fazem a pessoa acreditar em sua originalidade

O surgimento dessas páginas *web* estimulou o hábito da leitura e da escrita entre os jovens, mesmo que de maneira não convencional. No entanto, segundo os autores, teclar é bem diferente de escrever. Teclar é muito mais rápido, prático e bonito: “Você pode simplificar, você pode, você pode fazer tudo. Você pode escrever errado e ninguém te corrige ali, sabe, não é obrigatório escrever tudo perfeito. É diferente, bem diferente. Bem melhor” (sic).

Neologismos são criados e incorporados com extrema velocidade, outras formas de escrita surgem. Cabe, certamente, aos estudiosos e educadores, ficarem atentos aos rumos que essas novidades estão tomando.

Atualizar diariamente o *blog* ou *flog* depende do tipo de acesso do jovem à Internet. Aqueles que utilizam provedores do tipo banda larga fazem atualizações todos os dias. Já os que utilizam a linha telefônica só costumam usar a Internet nos finais de semana ou feriados, devido à cobrança de apenas um pulso nessas datas. Estes, no entanto, afirmam que, caso pudessem, fariam atualizações diárias, pois sempre que acessam a Internet visitam suas páginas para postar ou procurar novos comentários.

⁶ Postar é colocar uma mensagem ou comentário no blog de alguém.

O computador, mesmo sem o acesso à Internet, é usado todos os dias para finalidades diversas: ouvir músicas, assistir a filmes disponíveis na Internet, escrever, fazer montagens com fotografias e jogar. Mas os entrevistados afirmam que o melhor mesmo é navegar na Internet e, principalmente, conversar no *Msn* ou em “salas de bate-papo”.

Cada um tem seu estilo: alguns dizem que “adoram” colocar ídolos ou personagens na página, deixar tudo colorido, escrever diferente. Outros acham que essa prática é uma valorização do modismo e dizem que a abominam. As mudanças no visual também não têm regras. Enquanto uns modificam tudo constantemente, outros encontram algo que consideram “sua cara” e o mantêm sem modificações.

Nos discursos apareceram também queixas expressas como solidão, chateação, falta de alguém para conversar. O *blog* ou o *flog* podem ocupar esse vazio, alguns o chamam mesmo de terapêutico. “No meu *blog* eu conto TUDO! Meus pensamentos mais íntimos e coisas do passado que antes de eu colocar no meu *blog* até meus amigos mais íntimos não sabiam. É uma espécie de terapia” (sic).

Esses meios são ainda vistos como substitutos de alguém para conversar ou como uma maneira de ocupar o tempo e abafar a solidão. “Meu *blog* é parte das coisas que sinto, mas não saio por aí falando! Ou porque as pessoas não têm tempo pra ouvir ou porque eu não tenho tempo para falar... Eu quero mais tempo!” (sic).

Na Internet, os entrevistados relataram que encontram pessoas dispostas a conversar e aumentam o grupo de amigos, tanto através dos que comentam suas páginas, quanto nas salas de bate-papo ou Orkut.⁶ Tal fato não significa que anulem o encontro físico, pelo contrário, este é valorizado. Eles disseram ainda que procuram conhecer pessoas próximas dos locais onde moram, a fim de poder encontrá-las.

Os comentários são um elemento importante no “mundo blogueiro”. Funcionam como um termômetro que mede o quanto os *blogs* ou *flogs* são interessantes. Apesar de valorizarem consideravelmente o número de comentários, parece que os entrevistados julgam mais importantes aqueles que vêm de amigos ou conhecidos – incluindo os “amigos virtuais”. Em geral, o autor espera que esses amigos digam o que acham dele, que dêem conselhos sobre seus conflitos e lhe ofereçam apoio. Com frequência aparecem críticas, mas estas são bem-vindas quando o emissor é um amigo – os entrevistados não admitem que um desconhecido possa julgá-los. Outro tipo de atitude que consideram indesejável vem daqueles “leitores” que não dizem nada sobre o autor ou sobre o seu *post*⁷ e utilizam o espaço alheio para divulgar sua própria página, a fim de conquistar para ela novos leitores.

Considerações finais

Os blogueiros, ao falarem de si mesmos, de seus sentimentos, do que fazem e de suas preferências, parecem estar expondo sua intimidade, mas julgamos tratar-se de um outro tipo de intimidade. Em outras palavras, acreditamos que uma nova forma de intimidade está surgindo, a partir das tecnologias da informática. Há uma exposição da própria intimidade e uma curiosidade pela intimidade do outro. Esses dois aspectos se complementam, criando uma rede de pessoas que compartilham sua intimidade e estabelecem relações, ditas de amizade. Os relacionamentos que acontecem através do *blog* não atendem às convenções sociais que norteiam os relacionamentos presenciais, pois se fun-

⁷ Site na Internet que tem o objetivo de criar comunidades e ampliar a rede de conhecimentos.

⁸ Post: um comentário.

damentam primordialmente na reciprocidade, que consiste na exposição da intimidade e na busca pela intimidade alheia. Pode-se dizer ainda que existe sociabilidade no *blog*, embora se trate de uma forma de sociabilidade diferente da que conhecemos, porque utiliza códigos diferentes daqueles de nossos modos cotidianos de relacionamento.

Com base nas entrevistas, constata-se que o *blog* funciona como meio para se atingir o autocohecimento e também como um coadjuvante para a solidão. A troca de intimidade proporcionada pelo *blog* permite que o blogueiro conheça as dificuldades vividas por outras pessoas e perceba que seus problemas são semelhantes – pessoas como ele conseguem solucioná-los. Essa troca proporciona a aceitação de sua vida pessoal e a sensação de “normalidade”, de pertencimento. Segundo os entrevistados, parece reconfortante saber que outros passaram pelos mesmos problemas e os solucionaram. Assim, não se sentem tão sozinhos.

O sentimento de solidão aparece no discurso dos blogueiros associado à falta de tempo, à correria do dia-a-dia. Queixam-se de que, fora da Internet, poucas pessoas têm tempo para ouvi-los e que, nos *blogs*, podem falar a qualquer momento, sobre qualquer assunto. É um espaço para desabafar ou para expressar também o que não conseguiriam dizer pessoalmente.

A comunicação mediada pelo computador não é percebida pelos blogueiros como fria, pois a escrita nos *blogs* pode permitir a expressão de emoções, através do tipo de letra, do colorido, das ilustrações ou músicas que acompanham o texto, de símbolos usados para expressar emoções. As palavras escolhidas e a preocupação com a gramática também fornecem informações sobre o autor.

Embora a liberdade de opinião seja muito defendida, os entrevistados consideram importante respeitar o *blog* visitado, cuidando para que os comentários não sejam ofensivos. Em geral, os blogueiros dizem aceitar e respeitar as opiniões discordantes, mas abominam xingamentos. Segundo eles, as relações estabelecidas no *blog* evoluem para uma amizade, que pode chegar ao contato físico ou não. Alguns passam a conversar por telefone ou por programas de comunicação instantânea, na Internet, outros se limitam a comentários recíprocos, no *blog*. Mas tais formas de contato são consideradas amizade, tanto quanto as amizades presenciais.

O mundo contemporâneo e o desenvolvimento das tecnologias da informação ocasionaram mudanças irreversíveis no que tange aos modos de subjetivação. Que rumos essas transformações irão tomar? Não temos a resposta. No entanto, consideramos necessário o esforço investigativo para seguir, acompanhar e entender as transformações que atravessam os nossos dias.

Abstract

This paper aims to investigate the production of subjectivity in relation to new information technologies, mainly virtual diary. The research is theoretically based on contemporary authors who study this subject, and focuses on an ontogenetic perspective of the relation between man and machine. From this point of view, in the process of subjectivity production, subjectivity is an effect of heterogeneous connections that articulate human and non-human actors. Thus, it is considered one of the effects of technical mediation. Field research was conducted with 10 subjects from different Brazilian cities, and a semi-structured questionnaire was used for data collection. The results indicate that virtual diary produces new modalities of subjectivity, friendship and personal relations.

Key words: Subjectivity; Technology; intimacy.

Referências

- Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bruno, F. & Prado, R. (2005). *Entre aparecer e ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea*. [on-line]. Disponível: <http://www.intexto.ufrgs.br/n11/a-n11a9.html>.
- Escossia, L. (1999). *A relação homem-técnica e processo de individuação*. Aracaju: Editora UFS.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Guattari, F. & Rolnick S. (1999). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lévy, P. (1993). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lipovetsky, G. (1989). *O império do efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Passos, E. & Barros, R. (2000). A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 16 (1), 3-17.
- Virilio, P. (1996) *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade.